

Arthur Walkington Pink

A DOUTRINA DA ELEIÇÃO



A Doutrina da Eleição

Arthur Walkington Pink

Algumas Citações deste Estudo

“Em Apocalipse 19:6 nos é dito, ‘o Senhor Deus onipotente reina’. No céu e na terra, Ele é o Controlador e Ordenador de todas as criaturas. Como o Altíssimo, Ele governa entre os exércitos dos céus e ninguém pode deter a mão ou dizer-lhe: ‘Que fazes?’ (Jó 9:12). Ele é o Todo-Poderoso, que faz todas as coisas segundo o conselho da Sua própria vontade. Ele é o Oleiro Celestial, que toma conta de nossa humanidade caída como um pedaço de barro, e para fora dela forja um como um vaso para honra e outro vaso para desonra. Em suma, ele é o Decisivo e Determinante do destino de cada homem e o Controlador de cada detalhe na vida de cada indivíduo, o que é apenas outra maneira de dizer que Deus é Deus.”

“Eleição e Predestinação são apenas o exercício da Soberania de Deus nos assuntos da salvação, e tudo o que sabemos sobre elas é o que tem sido revelado a nós nas Escrituras da Verdade. A única razão para que alguém acredite na Eleição é que ela se acha claramente ensinada na Palavra de Deus.”

“Eleição significa que Deus escolheu alguns para serem os objetos de Sua Graça salvadora, enquanto outros são deixados a sofrer a justa punição de seus pecados. Isso significa que, antes da fundação do mundo, Deus escolheu para fora da massa de nossa humanidade caída um determinado número, e os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho.”

“A Doutrina da Eleição é claramente ensinada na Palavra de Deus; de capa a capa, a Bíblia está cheia daquela. Esta é uma das grandes Doutrinas fundamentais das Escrituras. O primeiro livro da Bíblia tem a Soberania de Deus como o seu tema central.”

“Assim os derradeiros serão primeiros, e os primeiros derradeiros; porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos’ (Mateus 20:16). ‘Não me escolhesteis vós a mim, mas eu vos escolhi a vós’ (João 15:16). ‘Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus’ (João 17:9). ‘E creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna’ (Atos 13:48). ‘Ficou um remanescente, segundo a eleição da graça’ (Romanos 11:5). ‘Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele’ (Efésios 1:4).”

“Nas Sagradas Escrituras, a questão da nossa salvação é traçada antes (no propósito de Deus) e não ao momento em que cremos – isto é, quando ela se torna nossa experimentalmente, mas a um ponto anterior ao começo do tempo. Antes da fundação do mundo, Deus nos escolheu em Cristo (Efésios 1:4). ‘Com amor eterno te amei, por isso com benignidade te atraí’ (Jeremias 31:3). Isso levanta a questão de nossa salvação do tempo para a eternidade.”

“[...] o que é eterno deve ser assim em ambas as extremidades. Assim, a Palavra de Deus afirma que ‘aos que predestinou [na eternidade passada], a estes também chamou: e aos que chamou, a

estes também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou [na eternidade futura] (Romanos 8:30).”

“Os escribas e doutores são ignorados, e pescadores ignorantes são escolhidos para serem os apóstolos do Cordeiro. A verdade Divina é oculta dos ‘sábios e entendidos’, mas é revelada aos ‘pequeninos’ (Mateus 11:25). A maioria dos poderosos e nobres são ignorados, enquanto os fracos e desprezados são chamados e salvos. Prostitutas e publicanos são docemente compelidos a vir para a festa de casamento, enquanto os fariseus orgulhosos são deixados a perecer em sua própria autojustiça. Verdadeiramente, Deus não faz acepção de pessoas, ou Ele não teria salvado você, meu amigo.”

“[...] em nenhum lugar a Bíblia prega o livre-arbítrio do homem natural. O homem por natureza é sujeito ao Satanás e escravo do pecado, e não se torna livre até que o Filho de Deus o liberte (João 8:36). ‘Ninguém pode vir a mim, [mas ele poderia, se ele fosse livre], se o Pai que me enviou não o trouxer’ (João 6:44), mas não haveria necessidade de ‘trazer’ se ele fosse livre. Isto é inequívoco.”

“‘Zaqueu, desce depressa... E, apressando-se, desceu, e recebeu-o alegremente’ (Lucas 19:5-6). A ovelha foi chamada pelo nome e respondeu à voz do Pastor! ‘E as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz’ (João 10:4). Nós temos uma outra bela ilustração disto registrada em João 20:16: ‘Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Rabôni’ Anteriormente ela não O conheceu; ela O confundiu com o jardineiro; mas o Bom Pastor chama as Suas ovelhas pelo nome, ‘Maria’ e instantaneamente ela conheceu Sua voz! Aqui, então, está o primeiro sinal de Eleição, como ilustram os casos acima. O Pastor chama, e aqueles que são Suas ovelhas (os eleitos) ouvem, reconhecem e respondem.”

“Todos não são filhos de Deus. Pelo contrário, todos são por natureza ‘filhos da ira’ (Efésios 2:3), e somente pela Graça Soberana nos tornamos filhos de Deus. Todos são Suas criaturas, mas nem todos são seus filhos. A regeneração é a consequência da eleição. ‘Segundo a sua vontade, Ele nos gerou’ (Tiago 1:18). ‘Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus’ (João 1:13). Eu já nasci de novo? Eu fui feito uma nova criatura em Cristo? Há evidências inequívocas em minha vida que eu tenho sido feito um participante da natureza Divina? Então esta é uma das marcas da minha eleição.”

“O que diferencia um filho do diabo de um filho de Deus, é que o primeiro é governado por sua própria vontade, ao passo que a vontade deste último está sujeita a Deus. A linguagem do santo é: ‘Ele é o Senhor; faça o que bem parecer aos Seus olhos’ (1 Samuel 3:18). Se, então, a sua vontade está quebrada, se você está dizendo com o coração: ‘todavia não se faça a minha vontade, mas a tua’ (Lucas 22:42), então esta é uma das marcas e sinais de sua eleição.”

“[...] o Espírito Santo derrama o amor de Deus nos corações daqueles que creem (Romanos 5:5). Para eles, Deus é mui excelente, eles dizem: ‘Quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti’ (Salmo 73:25). Para eles, Cristo é o mais formoso entre dez mil, O

‘totalmente desejável’ (Cânticos 5:16). Se, então, o amor de Deus brilha em seu coração, esta é uma das marcas e evidências de sua eleição.”

“‘Todo o que o Pai me dá virá a mim’ (João 6:37). Quando perdemos toda a confiança na carne; quando chegamos inteiramente ao fim de nós mesmos; quando percebemos que na carne não habita coisa boa; quando nos tornamos conscientes de que todas as nossas justiças como trapo da imundícia; quando estamos preparados para gritar: ‘Senhor, salva-me! que pereço’ (ver Mateus 8:25); quando voamos para Cristo como o único refúgio da ira vindoura, então vamos dar o primeiro passo para fazer firme a nossa vocação e eleição.”

“O Bom Pastor guia Suas ovelhas nas ‘veredas da justiça’ (Salmo 23:03), e se nos encontramos no ‘caminho dos pecadores’ (Salmo 1:1), então não temos autorização para chamar-nos Suas ovelhas.”

A Doutrina da Eleição

Arthur Walkington Pink

Como a Doutrina da eleição é uma parte do alto tema da soberania de Deus, uma breve palavra sobre ela primeiro. Em Apocalipse 19:6 nos é dito, “o Senhor Deus onipotente reina”. No céu e na terra, Ele é o Controlador e Ordenador de todas as criaturas. Como o Altíssimo, Ele governa entre os exércitos dos céus e ninguém pode deter a mão ou dizer-lhe: “Que fazes?” (Jó 9:12). Ele é o Todo-Poderoso, que faz todas as coisas segundo o conselho da Sua própria vontade. Ele é o Oleiro Celestial, que toma conta de nossa humanidade caída como um pedaço de barro, e para fora dela forja um como um vaso para honra e outro vaso para desonra. Em suma, ele é o Decisivo e Determinante do destino de cada homem e o Controlador de cada detalhe na vida de cada indivíduo, o que é apenas outra maneira de dizer que Deus é Deus.

Ora, Eleição e Predestinação são apenas o exercício da Soberania de Deus nos assuntos da salvação, e tudo o que sabemos sobre elas é o que tem sido revelado a nós nas Escrituras da Verdade. A única razão para que alguém acredite na Eleição é que ela se acha claramente ensinada na Palavra de Deus. Nenhum homem ou grupo de homens, nunca originou esta Doutrina. Como o ensino da Punição eterna, entra em conflito com os ditames da mente carnal e é incompatível com os sentimentos do coração não regenerado. E, como a doutrina da Santíssima Trindade e do nascimento milagroso de nosso Salvador, a verdade da Eleição deve ser recebida com fé simples, inquestionável.

Vamos agora definir os nossos termos. O que a palavra Eleição significa? Significa destacar, selecionar, escolher, tomar um e deixar o outro. Eleição significa que Deus escolheu alguns para serem os objetos de Sua Graça salvadora, enquanto outros são deixados a sofrer a justa punição de seus pecados. Isso significa que, antes da fundação do mundo, Deus escolheu para fora da massa de nossa humanidade caída um determinado número, e os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho. “Simão relatou como primeiramente Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o Seu Nome” (Atos 15:14). Não podemos fazer melhor aqui do que amplificar a nossa definição de Eleição, citando um sermão do falecido C. H. Spurgeon (1834-1892) em “As coisas Que Acompanham a Salvação” [Sermão de Nº 152, publicado em português pelo Projeto Spurgeon]:

“Antes da Salvação vir a este mundo, a Eleição marchou na vanguarda, e tinha por seu trabalho o aquartelamento da Salvação. A Eleição atravessou o mundo e marcou as casas para que a Salvação que deveria ir e os corações em que o

tesouro deveria ser depositado. A Eleição olhou através de toda a raça humana, desde Adão até o último, e assinalou com selo sagrado aqueles para quem a salvação foi designada. “E era-lhe necessário passar por Samaria” (João 4:4) disse a Eleição; e a Salvação deve ir para lá. Depois veio a Predestinação. A Predestinação não se limitou a marcar a casa, mas mapeou a estrada pela qual a Salvação deve viajar para aquela casa. A Predestinação ordenou cada passo do grande exército de Salvação; esta ordenou o momento em que o pecador deve ser levado a Cristo, a maneira como ele deve ser salvo, os meios que devem ser empregados; marcou a hora exata e o momento em que Deus, o Espírito, deverá vivificar os mortos em pecado, e quando a paz e o perdão devem ser proclamados através do sangue de Jesus. A Predestinação marcou o caminho de forma tão completa que a salvação nunca ultrapassa os limites, e nunca erra o caminho. No decreto eterno de Deus soberano, os passos da misericórdia foram, cada um deles, ordenados”.

Por que Deus escolheu esses indivíduos em particular, em vez de outros, nós não sabemos. Sua escolha é soberana, totalmente gratuita e não depende de nada fora de Si mesmo. Certamente não foi porque esses indivíduos particulares eram, em si, melhores do que os outros que ele deixou. A Escritura é muito enfática sobre esse ponto: eles também “eram por natureza filhos da ira, como os outros também” (Efésios 2:3). Eles, também, não tinham justiça inerente. Nem Deus escolheu aqueles que Ele escolheu por causa de tudo o que Ele previu que haveria neles, pela simples razão, mas suficiente, que Ele previu não nenhuma coisa boa neles, senão o que Ele próprio neles operou. Tudo o que podemos dizer é que Deus escolheu alguns para serem salvos somente porque Ele escolheu escolhê-los, pois tal era o beneplácito de Sua vontade soberana (Efésios 1:5).

1. O Mistério da Eleição

Essa eleição é um mistério profundo, nós prontamente admitimos; que está completamente além do poder da mente finita compreender plenamente, nós livremente reconhecemos. O nosso sentimento e nossa faculdade de raciocínio não podem nos ajudar nesta investigação. No entanto, isso não é motivo pelo qual devemos nos recusar a acreditar no que não podemos compreender plenamente. Estamos cercados de mistério por todos os lados. Não podemos entender por que Deus, que é perfeito e Onisciente, que no início previu claramente todas as terríveis consequências disto, deveria mesmo ter permitido o pecado entrar neste mundo. Mas Ele fez! Dizer, como muitos fazem, que se Deus criou o homem um agente moral livre, Ele não podia impedi-lo, é uma afirmação que é totalmente desprovido de qualquer fundamento na Palavra de Deus; e não somente isso, mas ela contradiz suas declarações explícitas. Por exemplo: “Certamente a cólera

do homem redundará em teu louvor; o restante da cólera tu o restringirás” (Salmo 76:10). Se Deus pode restaurar a justiça àqueles que são os dispostos escravos do pecado e há muito tempo indulgente na comissão dele, sem interferir com a responsabilidade do homem, por que então Ele não poderia ter preservado os seres sem pecado, em um estado de pureza? E se estava em Seu poder fazê-lo, por que Ele não faz isso? Tudo o que podemos dizer é: “Não sabemos”. Deus não achou por bem dizer-nos. A permissão Divina do pecado é um mistério profundo.

Tampouco este é o único mistério relacionado com a história da nossa raça. As desigualdades gritantes no todo da existência humana são igualmente insolúveis. Um é cego de nascença, outro é abençoado com vista. Um entra no mundo dotado de uma constituição forte e goza de saúde quase ininterrupta, enquanto outro herda uma doença incurável e afunda em uma morte prematura. Um nasce para a riqueza e todos os seus confortos, outra para a pobreza e para suas conseqüentes misérias. Um é nascido de pais criminosos ou infiéis, enquanto a outro é filho de verdadeiros crentes e é criado no temor do Senhor. Um nasce em meio à escuridão pagã, outro goza dos privilégios da luz do Evangelho. Agora, essas diferenças não afetam apenas a felicidade nesta vida, mas eles estão entre os fatores determinantes de caráter e destino, e ainda assim eles não são de todo dependente do caráter ou conduta dos interessados. Quando nos perguntamos: “Por que é permitido existir essas diferenças? Por que Deus permite essas desigualdades?” Novamente nós temos que responder: “Não sabemos”. No entanto, acreditamos firmemente que Ele tem alguma razão boa e sábia para todas as Suas procedimentos providenciais, mas para o homem na sua condição presente, elas são profundamente misteriosas.

Que esses procedimentos de Deus são misteriosos, Sua própria Palavra afirma. “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos” [Isaías 55:8-9]. E mais uma vez o Espírito Santo, através do apóstolo Paulo, declara: “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!” (Romanos 11:33). A nossa posição verdadeira, então, na investigação de um assunto como este, é que de discípulos – alunos – sentados aos pés do Senhor Jesus para que sejamos ensinados por Ele. Se aceitamos a Bíblia como a Palavra de Deus, devemos esperar encontrar nela algumas coisas “difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem, e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição” (2 Pedro 3:16).

2. A Verdade da Eleição

A Doutrina da Eleição é claramente ensinada na Palavra de Deus; de capa a capa, a Bíblia está cheia daquela. Esta é uma das grandes Doutrinas fundamentais das Escrituras. O primeiro livro da Bíblia tem a Soberania de Deus como o seu tema central. Caim, o mais velho é deixado, enquanto Abel, o mais novo é aceito. Cam e Jafé são ignorados, enquanto Sem o mais jovem é selecionado para a linhagem a partir da qual o Messias havia de vir. A Abrão, o menor, e não a Naor, o irmão mais velho, é dada a herança de Canaã. Ismael, o primogênito é expulso sem bênção, enquanto Isaque o filho da velhice de seus pais é abençoado. A Esaú, de coração generoso e tolerante de espírito é negada a bênção, ainda que a buscou diligentemente com lágrimas, enquanto que Jacó o traiçoeiro, maquinador dissimulado é formado um vaso de honra. Embora sendo o décimo primeiro filho, José, é aquele que recebe a porção dobrada; quando Jacó, guiado por Deus, está abençoando os filhos de José, Efraim, o mais novo é posto na frente de Manassés, o mais velho.

Os limites de nosso espaço não nos permite ir adiante por toda a Bíblia; só podemos agora citar alguns textos como prova, mas eles são suficientes. “Assim os derradeiros serão primeiros, e os primeiros derradeiros; porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mateus 20:16). “Não me escolheste vós a mim, mas eu vos escolhi a vós” (João 15:16). “Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus” (João 17:9). “E creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna” (Atos 13:48). “Ficou um remanescente, segundo a eleição da graça” (Romanos 11:5). “Como também nos elegeru nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele” (Efésios 1:4).

Durante os tempos do Velho Testamento, o princípio da Eleição Divina foi claramente exposto nos tratamentos de Deus com a raça humana. Na Torre de Babel, Deus, por um tempo, abandonou o Seu trato direto com a humanidade como um todo, e selecionou um homem – Abraão – de quem descendia a nação de Israel. Esta nação é o seu povo escolhido. Ele se revelou a eles como a nenhum outro. Israel era o Seu tesouro peculiar. Eles gozaram de comunhão direta com Jeová, enquanto outras nações foram deixadas em seus pecados. Mas por quê? Por que Deus deveria escolher os descendentes de Abraão para ser os destinatários de Seus favores especiais? Eles tinham uma maior reivindicação natural do que os outros? Certamente que não. Os egípcios eram uma raça muito mais sábia do que os hebreus nômades. Os caldeus eram mais antigos, mais numerosos, mais civilizados, e ainda exerceram uma influência muito maior sobre o resto do mundo. Ah! Mas Deus passa pela sábios e cultos e escolhe os fracos e desprezados. Por quê? Para demonstrar Sua Soberania e exemplificar Sua graça. Por quê? “Para que nenhuma carne se glorie perante ele” (1 Coríntios 1:29).

3. A Justiça da Eleição

Em todas as épocas houve aqueles que argumentaram que a Doutrina da Eleição atribui injustiça a Deus. Eles dizem que não é justo que Ele deve escolher certas pessoas para a vida eterna e permitir que o resto seja eternamente condenado. Mas tal acusação evidencia ignorância crassa e perverte os princípios fundamentais do Evangelho. A salvação não é uma questão de justiça, mas de Graça. Se o assunto é para ser resolvido na base de justiça nua, em seguida, cada filho de Adão deve perecer, pois: “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3:23).

Dizer que Deus não tem o direito de escolher apenas alguns para serem conformes à imagem de Seu Filho, é para repúdio cardinal da verdade do Evangelho. A Salvação não é um salário que temos de ganhar, nem uma recompensa que devemos merecer. É um dom gratuito concedido a quem não merece. Mas a partir do momento em que admitimos que a salvação é um dom de Deus, somos logicamente obrigados a aceitar o princípio da Eleição. Não tem Deus todo o direito de dispensar o Seu dom como Lhe agrada? Certamente Ele tem. E esta não é somente sua prerrogativa, mas Ele a exerce: “Pois diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia” (Romanos 9:15). Deus não está em dívida com ninguém. Ele não está sob a obrigação de salvar ninguém. Se Ele livra alguém da ira vindoura, é unicamente devido à Sua Graça. Ele não está sob nenhuma restrição para salvar a todos, se Ele quiser salvar quem quer que seja. Se Ele escolher passar por alguns, retendo o dom da salvação, então não há motivo para reclamação. No Último Grande Dia cada homem receberá toda a misericórdia a que tem direito. Não deverá o Juiz de toda a terra fazer justiça? Certamente. A sentença pronunciada sobre aqueles que estiverem à sua esquerda será perfeitamente justa.

“Quanto a esta prerrogativa [Sua Soberania] pode-se dizer, primeiro, que a Deus pertence o direito de exercê-la. Este direito nasce, em primeiro lugar, de ser Ele o Criador. Ele diz, “todas as almas são minhas” (Ezequiel 18:4). Ele tem o direito absoluto de fazer conosco o que Lhe agrada, visto que “foi ele que nos fez, e não nós a nós mesmos” (Salmo 100:3). Os homens esquecem o que são, e se vangloriam de grandes coisas; embora realmente nada sejam, senão barro na roda do oleiro, e Ele pode formá-los ou quebrá-los como Lhe agrada. Eles não pensam assim, mas Ele conhece seus pensamentos que são vãs. Ó, a dignidade do homem! Que tema para um discurso sarcástico! Como o sapo da fábula que se inchou até que explodiu, assim o faz o homem em seu orgulho e inveja contra o seu Criador, que, não obstante, está assentado sobre o círculo da terra, cujos moradores são para ele como gafanhotos, e atenta para nações inteiras delas como o pó da balança. A prerrogativa do Senhor

sobre a Criação é manifestamente ampliada moralmente pela nossa perda de qualquer consideração que possa ter surgido por obediência e retidão se os tivéssemos possuído. Nossa culpa envolveu perda de reivindicações por parte criatura, qualquer que elas pudessem ter sido. Somos todos culpados de alta traição, e cada um de nós é culpado de rebelião pessoal; portanto, não temos os direitos dos cidadãos, mas jazemos sob sentença de condenação. O que diz a voz infalível de Deus? “Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las” (Gálatas 3:10). Viemos sob essa maldição; a Justiça pronunciou-nos culpados, e, por natureza, nós permanecemos em condenação. Se então o Senhor terá o prazer de nos livrar da morte, isto permanece com ele para fazê-lo; mas não temos direito a tal libertação, nem podemos usar qualquer argumento que seria proveitoso nos tribunais de justiça para a reversão da pena ou suspensão da execução. Antes no tribunal de justiça nosso caso deve ser difícil estabelecer qualquer alegação de direito. Seremos expulsos com o desdém do juiz imparcial, se nós pedimos que o nosso processo em cima dessa linha. Nosso procedimento mais sábio é apelar para a Sua misericórdia e Sua Graça Soberana, pois somente isto é a nossa esperança. Compreenda-me claramente: Se o Senhor fizer com que padeçamos a perecer, nós apenas receberemos o que merecemos, e nós não temos nenhum de nós sequer uma sombra de reivindicação em Sua misericórdia – nós estamos, portanto, absolutamente nas mãos de Deus, e a Ele pertencem as questões da morte”. (C.H. Spurgeon, *A Prerrogativa Real – Salmo 68:20-21 [Sermão de Nº 1523]*).

Finalmente, convém lembrar que Deus nunca recusa misericórdia para com aqueles que honestamente a procuram. É verdade que os não-eleitos serão perdidos, deixe-os fazer o que quiserem. O pecador é ordenado: “Provai e vede que o Senhor é bom” (Salmo 34:8). Ele é livremente convocado a ser um convidado na festa Evangelho. A promessa é ampla e simples: “o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora” (João 6:37). Mas se o pecador não vir a Cristo para que ele possa ter vida, então seu sangue será sobre a sua cabeça. Se ele não vai crer, então é a sua própria vontade que o condena.

4. Os Corolários¹ de Eleição

A Doutrina da Eleição magnifica o caráter de Deus. Ela exemplifica Sua Graça. A Eleição torna conhecido o fato de que a Salvação é dom gratuito de Deus, gratuitamente

[1] Corolário: Lógica. Proposição deduzida a partir de uma outra (anteriormente) demonstrada, fazendo com que um conhecimento seja acrescentado a mesma. (Dicio.com.br)

concedido a quem Ele quer. Isso deve ser assim, para aqueles que a recebem, eles próprios, não sejam diferentes e nem melhores do que aqueles que não recebem. A Eleição permite alguém ir para o inferno para mostrar que todos mereciam morrer. Mas a Graça vem como um arrastão e atrai da humanidade arruinada uma grande multidão, que nenhum homem pode contar, para ser por toda a eternidade os monumentos da Misericórdia Soberana de Deus.

Ela exhibe sua onipotência. A Eleição torna conhecido o fato de que Deus é Todo-Poderoso, governando e reinando sobre a terra; e declara que ninguém pode resistir com êxito à Sua vontade ou frustrar Seus propósitos secretos. A Eleição revela Deus quebrando a oposição do coração humano, subjugando a inimizade da mente carnal, e com o poder irresistível atraindo Seus escolhidos para Cristo. A Eleição confessa – “Nós o amamos a ele porque ele nos amou primeiro” (1João 4:19), e nós acreditamos, porque Ele nos fez dispostos no dia do Seu poder (Salmo 110:3).

Ele atribui toda a glória a Deus. Ele não permite qualquer crédito para a criatura. Ele nega que os não regenerados são capazes de derivar um pensamento reto, gerar uma afeição correta, ou originar uma volição correta. Ela insiste em que Deus deve operar em nós tanto o querer como o efetuar. Ela declara que o arrependimento e a fé são, eles próprios, dons de Deus, e não algo que o pecador contribui para o preço da sua salvação. Sua linguagem é: “Não a nós, Senhor, não a nós” (Salmo 115:1), mas, “Àquele que nos amou, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados” (Apocalipse 1:5).

“O Senhor faz distinções entre os homens culpados de acordo com a soberania de Sua graça. “Porque eu não tornarei mais a compadecer-me da casa de Israel, mas tudo lhe tirarei” (Oséias 1:6). Não tinha Judá pecado também? Não poderia o Senhor ter desistido de Judá também!? Na verdade, ele poderia justamente tê-lo feito, mas Ele se deleita na benignidade. Muitos pecaram, e justamente trouxeram sobre si mesmos o castigo devido ao pecado: eles não creem em Cristo, e morrem em seus pecados. Mas Deus tem misericórdia, de acordo com a grandeza do Seu coração, sobre multidões que não poderiam ser salvas em qualquer outro fundamento senão o da misericórdia imerecida. Vindicando Seu direito real, Ele diz: “Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia” (Romanos 9:15). A prerrogativa de Misericórdia é exercida pela Soberania de Deus: Ele exerce esta prerrogativa. Ele dá a quem Ele quiser, e Ele tem o direito de fazê-lo, já que ninguém tem qualquer direito Sobre ele”. (C.H. Spurgeon, Salvação, A Propriedade do Senhor – Oséias 1:7).

Finalmente, a doutrina garante preservação eterna de todos os santos de Deus. Nas

Sagradas Escrituras, a questão da nossa salvação é traçada antes (no propósito de Deus) e não ao momento em que cremos – isto é, quando ela se torna nossa experimentalmente, mas a um ponto anterior ao começo do tempo. Antes da fundação do mundo, Deus nos escolheu em Cristo (Efésios 1:4). “Com amor eterno te amei, por isso com benignidade te atraí” (Jeremias 31:3). Isso levanta a questão de nossa salvação do tempo para a eternidade. Se fosse apenas uma coisa de tempo, ela pereceria. Mas, porque é uma coisa da eternidade, deve durar para sempre. É impossível imaginar uma vara com apenas uma extremidade nela; o que é eterno deve ser assim em ambas as extremidades. Assim, a Palavra de Deus afirma que “aos que destinou [na eternidade passada], a estes também chamou: e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou [na eternidade futura]” (Romanos 8:30).

5. A Certeza da Eleição

Antes de abordar o que é o lado mais experimental do nosso assunto, vamos rever o fundamento que já foi abordado. Vimos que a Doutrina da Eleição é uma das coisas mais profundas de Deus e deve ser recebida com fé simples, inquestionável; que, como o assunto da Santíssima Trindade, é um mistério profundo que transcende a compreensão da mente finita. Então temos procurado mostrar por uma livre citação das Escrituras que a verdade da Eleição é claramente ensinada na Palavra de Deus; mais ainda, que é uma das verdades mais importantes da Revelação Divina. Além disso, vimos que o princípio da Eleição atravessa todas as relações de Deus com o Seu povo; que, tanto na época do Antigo e Novo Testamento, Deus passa por alguns e chama outros. Em seguida, consideramos brevemente a justiça da Eleição, e descobriu que em abençoar alguns, Deus não mostrou nenhuma injustiça para com os outros, porque ninguém tem qualquer direito sobre Ele. E que, como a salvação é o Seu dom gratuito, ele dispensa Seus favores de acordo com Sua própria boa vontade. Finalmente, observamos os corolários desta Doutrina e mostramos como ela atribui toda a glória a Deus, e garante da forma mais enfática a segurança eterna de todos os que foram escolhidos em Cristo antes da fundação do mundo.

E agora, com uma humilde vontade de buscar remover algumas das dificuldades que naturalmente surgem a partir de uma reflexão sobre este assunto, vamos observar algumas das perguntas que normalmente ocorrem a todas as mentes que refletem quando esta Doutrina é trazida perante eles, pela primeira vez.

6. As Dificuldades de Eleição

1 – As Escrituras não declaram que Deus não faz acepção de pessoas?

Sim, é verdade (Atos 10:34), e a Eleição é a prova disto. Os sete filhos de Jessé, embora mais velhos e fisicamente superiores a Davi, são deixados por ela, enquanto o jovem pastor é exaltado ao trono de Israel. Os escribas e doutores são ignorados, e pescadores ignorantes são escolhidos para serem os apóstolos do Cordeiro. A verdade Divina é oculta dos “sábios e entendidos”, mas é revelada aos “pequeninos” (Mateus 11:25). A maioria dos poderosos e nobres são ignorados, enquanto os fracos e desprezados são chamados e salvos. Prostitutas e publicanos são docemente compelidos a vir para a festa de casamento, enquanto os fariseus orgulhosos são deixados a perecer em sua própria autojustiça. Verdadeiramente, Deus não faz acepção de pessoas, ou Ele não teria salvado você, meu amigo.

2 – Mas o homem não é um ser responsável, dotado de livre-arbítrio?

O homem é, sem dúvida, um ser responsável. Ele não é uma mera máquina ou autômato. A Escritura uniformemente se refere a ele como quem colhe de acordo com o que semeia, e como alguém que ainda terá de prestar contas pelas coisas feitas no corpo. Mas em nenhum lugar a Bíblia prega o livre-arbítrio do homem natural. O homem por natureza é sujeito ao Satanás e escravo do pecado, e não se torna livre até que o Filho de Deus o liberte (João 8:36). “Ninguém pode vir a mim, [mas ele poderia, se ele fosse livre], se o Pai que me enviou não o trouxe” (João 6:44), mas não haveria necessidade de “trazer” se ele fosse livre. Isto é inequívoco.

“Quando a misericórdia vem para abençoar, ele encontra-nos inclinados à maldição. Nós não receberíamos o benefício proferido; rejeitamos a Misericórdia e a Graça deve superar a nossa vontade. Deve levar-nos cativos em laços de seda, ou do mesmo modo não pode nos abençoar. O homem, enquanto sua vontade é livre, é desgraçado; é somente quando a sua vontade é presa pelos grilhões da Graça Soberana que ele é gracioso em tudo. Se há uma coisa como livre-arbítrio, Lutero realmente o definiu quando chamou o livre-arbítrio de escravo. É apenas a nossa vontade presa que é verdadeiramente livre. Nossa vontade constrangida, então alcança a liberdade; quando a graça liga-a, em seguida, verdadeiramente, é livre, e só então, quando o Filho a tornou livre”.
(C. H. Spurgeon, A Glória da Graça - Efésios 1:6 [Sermão de Nº 2763]).

3 – Mas a Escritura não diz: Todo aquele que quiser, pode vir?

Ele diz, e Cristo ainda não rejeitou nenhuma alma disposta. Se, na undécima hora, o ladrão moribundo que se converteu ao Senhor foi assegurado um lugar no paraíso, e se Saulo, o perseguidor da Igreja – “o principal dos pecadores” (1 Timóteo 1:15) – encontrou misericórdia, em verdade, todo aquele que quiser, pode vir (Atos 2:21; Apocalipse 22:17). Mas nem todos estão dispostos. A grande maioria das pessoas não tem o desejo de vir a Cristo. Se Deus deixou isto inteiramente à vontade do homem, ninguém jamais O teria aceitado. Conseqüentemente, Deus tem de operar em nós “tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2:13). Mas Deus não opera assim em todos, e isto é feito na eleição.

4 – Mas por que pregar o Evangelho a toda a criatura, se apenas uns “poucos” são escolhidos?

Porque o sacrifício expiatório de Cristo é suficiente para todos, se todos o aceitassem. Porque Deus quis publicar a mui grande e incomparável Graça e Amor insondável do seu Filho amado. Porque o sacrifício de Cristo é eminentemente adaptado a todos, o que serve para um pecador deve atender às necessidades de outro. Porque é pela pregação do Evangelho que os eleitos são chamados para fora do mundo. Finalmente, porque somos ordenados a pregar o Evangelho a todas as nações, e “não é para que nós entendamos o porquê; não é para que repliquemos; isto é para nós fazermos – e morrermos.”

5 – Mas esta doutrina não cortará o nervo do esforço evangelístico?

Mais uma vez vamos deixar que o Sr. Spurgeon dê a resposta.

“Bem, então’, diz um, “isso vai fazer as pessoas sentarem e cruzarem os braços”. Senhor, não vai! Mas se os homens o fizeram, eu não poderei ajudá-los – meu negócio – como eu já disse muitas vezes neste lugar, não é provar a você a razoabilidade de qualquer verdade, nem defender qualquer verdade das suas conseqüências. Tudo o que faço aqui – e eu quero dizer para mantê-lo – é apenas para afirmar a verdade porque está na Bíblia! Então, se você não gosta, você deve resolver a disputa com meu Mestre – e se você acha que não é razoável, você deve discutir com a Bíblia. Permita que os outros defendam a Escritura e provem que é verdade. Eles podem fazer o seu trabalho melhor do que eu – o meu é apenas a simples obra de proclamar. Eu sou o mensageiro. Falo a mensagem do meu Mestre. Se você não gosta da mensagem, discuta com a Bíblia, não comigo! Enquanto eu tenho a Escritura do meu lado, eu vou ousar e desafiar você a fazer qualquer coisa contra mim! “Ao SENHOR

pertence a salvação!”. O Senhor tem que aplicá-la, para fazer o relutante, disposto; fazer o ímpio, piedoso; e trazer o desprezível rebelde aos pés de Jesus; caso contrário a Salvação nunca será cumprida! Deixe esta coisa desfeita e você terá quebrado o elo da cadeia, a própria ligação que era necessária para a sua integridade. Tire o fato de que Deus começa o bom trabalho e que Ele nos envia o que os antigos teólogos chamam de Graça Preservadora – tire isso e você terá estragado toda a Salvação – você tomou a pedra angular para fora do arco e abaixo ele cai!”. (C. H. Spurgeon, A Salvação Pertence ao Senhor – Jonas 2:9 [Publicamos este sermão em português, baixe-a gratuitamente em nosso site]).

7. Os Sinais de Eleição

Como podem os crentes saber que estão entre o número de eleitos de Deus? É verdade que eles não têm acesso ao Seu Livro da Vida; que eles não podem ler Seus decretos secretos; que eles são ignorantes de Seus eternos conselhos. No entanto, é possível que os santos saibam que estão entre os que Deus predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho. Há pelo menos cinco maneiras pelas quais Deus dá testemunho de que Ele nos escolheu desde toda a eternidade.

1 – Ao chamar-nos para Ele mesmo

“Aos que predestinou, a esses também chamou” (Romanos 8:30). A predestinação aconteceu na eternidade; o chamado acontece no tempo. Esta chamada é para os eleitos com força irresistível: Eles O ouvem e não pode deixar de responder. “As ovelhas ouvem a sua voz, e chama pelo nome às suas ovelhas, e as traz para fora” (João 10:3). Temos uma ilustração disto, no caso de Zaqueu. “Zaqueu, desce depressa... E, apressando-se, desceu, e recebeu-o alegremente” (Lucas 19:5-6). A ovelha foi chamada pelo nome e respondeu à voz do Pastor! “E as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz” (João 10:4). Nós temos uma outra bela ilustração disto registrada em João 20:16: “Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Rabôni” Anteriormente ela não O conheceu; ela O confundiu com o jardineiro; mas o Bom Pastor chama as Suas ovelhas pelo nome, “Maria” e instantaneamente ela conheceu Sua voz! Aqui, então, está o primeiro sinal de Eleição, como ilustram os casos acima. O Pastor chama, e aqueles que são Suas ovelhas (os eleitos) ouvem, reconhecem e respondem.

2 – Ao recriá-los em Cristo

Ou, por outras palavras, tornando-os seus filhos. Todos não são filhos de Deus. Pelo

contrário, todos são por natureza “filhos da ira” (Efésios 2:3), e somente pela Graça Soberana nos tornamos filhos de Deus. Todos são Suas criaturas, mas nem todos são seus filhos. A regeneração é a consequência da eleição. “Segundo a sua vontade, Ele nos gerou” (Tiago 1:18). “Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (João 1:13). Eu já nasci de novo? Eu fui feito uma nova criatura em Cristo? Há evidências inequívocas em minha vida que eu tenho sido feito um participante da natureza Divina? Então esta é uma das marcas da minha eleição.

3 – Ao nos conformarmos à Sua vontade

“Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser” (Romanos 8:7). A vontade não regenerada é totalmente contrário a tudo o que verdadeiramente santo. Mas é diferente com aqueles a quem Deus chama e vivifica. Ele renova as suas vontades. Ele opera neles tanto o querer quanto o realizar, segundo a Sua boa vontade. O que diferencia um filho do diabo de um filho de Deus, é que o primeiro é governado por sua própria vontade, ao passo que a vontade deste último está sujeita a Deus. A linguagem do santo é: “Ele é o Senhor; faça o que bem parecer aos Seus olhos” (1 Samuel 3:18). Se, então, a sua vontade está quebrada, se você está dizendo com o coração: “todavia não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lucas 22:42), então esta é uma das marcas e sinais de sua eleição.

4 – Ao comunicar o Seu amor aos seus corações

Os ímpios não têm amor a Deus, nenhuma capacidade de apreciar suas perfeições, nenhuma preocupação para a Sua glória. Eles não veem nele nenhuma beleza para que O desejem, sim, Ele é desprezado e rejeitado por eles (Isaías 53:2-3). Mas o Espírito Santo derrama o amor de Deus nos corações daqueles que creem (Romanos 5:5). Para eles, Deus é mui excelente, eles dizem: “Quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti” (Salmo 73:25). Para eles, Cristo é o mais formoso entre dez mil, O “totalmente desejável” (Cânticos 5:16). Se, então, o amor de Deus brilha em seu coração, esta é uma das marcas e evidências de sua eleição.

5 – Por cultivar neles o fruto do Espírito

Na Parábola do Semeador, existem quatro tipos de solo em que a semente cai, mas apenas um tem algum fruto. Os três primeiros representam várias classes de incrédulos que ouvem a Palavra de Deus, e uma coisa é comum a eles, todos eles são estéreis. Mas a quarta classe, o solo dos bons ouvintes, produz fruto em graus variados. Aqui, então, está mais um sinal infalível, outra característica peculiar dos crentes: eles dão fruto. O que o fruto é, aprendemos com Gálatas 5:22-23. Tenho o “amor”, o amor a Deus, por Sua

Palavra, para o seu povo? Tenho “alegria”, aquela profunda, permanente, maravilhosa alegria, que o mundo não sabe nada sobre? Eu tenho “paz” – paz de consciência que vem do conhecimento dos pecados perdoados? Eu tenho “longanimidade”, para “tudo suportar por amor dos eleitos” (2 Timóteo 2:10)? Eu sou “benigno”, de modo que, à semelhança de uma verdadeira ovelha, eu nunca me mostro contencioso? Tenho “bondade”, de modo que aqueles que me rodeiam tomam conhecimento que tenho estado com Jesus? Tenho “fé”, de modo que eu descansar com inabalável confiança nas promessas de Deus? Tenho “mansidão”, para que eu considere os outros superiores a mim mesmo? Tenho “temperança”, de modo que minha moderação é notória a todos os homens (Filipenses 4:5)? Então este é o fruto do Espírito. Por esses e outros sinais semelhantes, Deus nos indica nossa eleição eterna.

8. Os Frutos da Eleição

Não somente Deus nos dar estes sinais infalíveis pelos quais podemos descobrir sua escolha, mas os eleitos fazem firme a sua própria eleição para si mesmos. “Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição” (2 Pedro 1:10). Na mente de Deus, a minha vocação e eleição está “firme” antes da fundação do mundo; mas quanto a minha própria consciência e garantia deles, estão em causa; eu devo ser diligente para torná-los firmes para mim. Como os eleitos fazem isso?

1 – Ao abandonarem-se a Cristo

“Todo o que o Pai me dá virá a mim” (João 6:37). Quando perdemos toda a confiança na carne; quando chegamos inteiramente ao fim de nós mesmos; quando percebemos que na carne não habita coisa boa; quando nos tornamos conscientes de que todas as nossas justiças como trapo da imundícia; quando estamos preparados para gritar: “Senhor, salva-me! que pereço” (ver Mateus 8:25); quando voamos para Cristo como o único refúgio da ira vindoura, então vamos dar o primeiro passo para fazer firme a nossa vocação e eleição.

2 – Por uma caminhada em obediência

Pedro se dirige aos “estrangeiros” como “eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência” (1 Pedro 1:2). Se estamos caminhando contrário aos preceitos de Deus, então nós não temos nenhuma razão para nos considerar como estando entre os eleitos de Deus. O Bom Pastor guia Suas ovelhas nas “veredas da justiça” (Salmo 23:03), e se nos encontramos no “caminho dos pecadores” (Salmo 1:1), então não temos autorização para chamar-nos Suas ovelhas. Mas, se estamos orando por isso e lutando diariamente por uma obediência mais perfeita do que

aquele que nós ainda redemos, então nós estamos fazendo firme a nossa vocação e eleição. “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus antes ordenado que andássemos nelas” (Efésios 2:10).

3 – Por uma santificação progressiva

“Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12:14). Se estamos crescendo na graça e no conhecimento do Senhor (2Pe 3:18); se estamos esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão adiante (Filipenses 3:13); se estamos limpando -nos de toda a imundícia da carne e do espírito, e está aperfeiçoando a santificação no temor de Deus (2 Coríntios 7:1), então estamos fazendo a nossa própria “vocação e eleição”. “Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos” (Efésios 1:4).

4 – Por uma perseverança continua na fé

Nisto os falsos professos são distinguidos dos eleitos de Deus. Há aqueles que ouvem a Palavra e logo a recebem com alegria, mas não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração (Mateus 13:20-21). Mas os eleitos de Deus perseveram até o fim. Eles “prosseguem em conhecer ao Senhor” (Oséias 6:3). Eles podem por vezes estarem abatidos em si mesmos; eles às vezes podem ser apanhados em falta; eles têm que confessar que eles são “servos inúteis” (Lucas 17:10), mas, ao final, cada um deles em medida será capaz de dizer: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2 Timóteo 4:7). Ao perseverar até o fim, nós fazemos firme a nossa vocação e eleição para nós mesmos. “Aos que predestinou... a esses também glorificou” (Romanos 8:30).

Irmãos, se estamos entre os escolhidos de Deus, vamos mostrar por nossa caminhada diária que somos de fato os mais escolhidos dos homens. “Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade; suportando-vos uns aos outros, e perdoadando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também” (colossenses 3:12-13).

Sola Scriptura!

Sola Gratia!

Sola Fide!

Solus Christus!

Soli Deo Gloria

Fonte: ChapelLibrary.org | Título Original: “The Doctrine of Election”

As citações bíblicas desta tradução são da versão ACRF (Almeida Corrigida Revisada Fiel)

Tradução e Capa William Teixeira | Revisão por Camila Rebeca Almeida

Acesse nossa conta no Dropbox e baixe mais e-books semelhantes a este:

<https://www.dropbox.com/sh/kma471ubmosuv77/k6Hpb96RsZ>

Leia este e outros e-books online acessando nossa conta no ISSUU:

<http://issuu.com/oEstandarteDeCristo>

Participe do nosso grupo no Facebook: [facebook.com/groups/EstandarteEC](https://www.facebook.com/groups/EstandarteEC)

Você tem permissão de livre uso deste e-book e o nosso incentivo a distribuí-lo, desde que não altere o seu conteúdo e/ou mensagem de maneira a comprometer a fidedignidade e propósito do texto original, também pedimos que cite o site OStandarteDeCristo.com como fonte. Jamais faça uso comercial deste e-book.

Se o leitor quiser usar este sermão ou um trecho dele em seu site, blog ou outro semelhante, eis um modelo que poderá ser usado como citação da referência:

Título – Autor

Corpo do texto

Fonte: ChapelLibrary.org

Tradução: OStandarteDeCristo.com

(Em caso de escolher um trecho a ser usado indique ao final que o referido trecho é parte deste sermão, e indique as referências (fonte e tradução) do sermão conforme o modelo acima).

Este é somente um modelo sugerido, você pode usar o modelo que quiser contanto que cite as informações (título do texto, autor, fonte e tradução) de forma clara e fidedigna.

Para solicitar este e-book em formato Word envie-nos um e-mail, solicitando-o:

oestandartedecristo@outlook.com

Uma Biografia de Arthur Walkington Pink



Arthur Walkington Pink (1886 – 1952) e sua esposa Vera E. Russell (1893 – 1962)

Arthur Walkington Pink (01 de abril de 1886 – 15 de julho de 1952) foi um evangelista e teólogo inglês, conhecido por sua firme adesão aos ensinamentos calvinistas e puritanos. Nasceu em Nottingham, Inglaterra. Seus pais eram cristãos piedosos e ele tinha um irmão e duas irmãs. Aos 16 anos A. W. Pink encerrou os seus estudos e entrou para o ramo de negócios. Rapidamente obteve sucesso no que havia determinado fazer, mas, para a tristeza dos seus pais, ele abriu mão do Evangelho. Foi nesta época que ele se tornou um discípulo da Teosofia e do Espiritismo. Em 1908 ele já era conhecido como um teosofista e um espírita praticante. Neste mesmo ano, com 22 anos, ao chegar em casa após uma reunião teosófica, seu pai dirigiu-se a ele e citou este versículo da Bíblia:

“Há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte”
(Provérbios 14:12)

Pink foi para o seu quarto e ficou pensando nas palavras que seu pai lhe dissera. Em

seguida resolveu orar e pedir uma orientação a Deus. Foi o suficiente para enxergar o seu erro. Esta experiência foi tão marcante que A.W. Pink encontrou o que tanto desejava: Jesus Cristo, Aquele que Lhe daria a Água Viva para saciar a sua sede, assim como prometera à mulher samaritana (Jo 4:14).

Cristo tornara-se real para ele! O mais interessante é que, na 6ª feira daquela mesma semana, Pink faria uma palestra para os adeptos da Teosofia (que ainda não sabiam de sua conversão). No dia e hora marcados, Pink dirigiu-se ao salão de Convenções da Teosofia. Quando subiu para falar, pregou o Evangelho em demonstração de Poder. A reação da turba foi imediata: tiraram-lhe à força e lançaram-no à rua. Um episódio que serviu para abrir os olhos dele para o caminho que o esperava!

Assim, Arthur Pink não tinha mais dúvidas sobre o seu chamado. Mas em qual Igreja? Havia tanto liberalismo nos ministérios. Então, ele foi recebido na Igreja dos Irmãos, onde ensinavam a Bíblia com muito amor. Depois, recomendaram que ele fosse estudar no Instituto Dwight L. Moody, em Chigago, Estados Unidos. Então, em 1910, ele foi para Chicago estudar. Mas logo abandonou o Instituto, por discordar do que ali era ensinado. Nos anos que se seguiram esteve pastoreando Igrejas no Colorado e na Califórnia. Em 1916, casou-se em Kentucky, com uma mulher chamada Vera E. Russell. Em 1917 pastoreou uma Igreja Batista na Carolina do Sul.

Foi nesta época que ele começou a ter problemas com o seu ensino. Começou a ler os puritanos e descobriu verdades que o perturbaram. Principalmente sobre a grande doutrina bíblica da Soberania de Deus, porém à medida que ele começou a pregar sobre isto, descobriu que não eram coisas populares. Em 1920, ele saiu da Igreja Batista na Carolina do Sul e começou um ministério itinerante em todos os EUA, para anunciar à Igreja esta visão da Soberania de Deus. Suas pregações eram firmes e bíblicas, mas, não eram populares, seus ouvintes não gostavam do que ele pregava.

Em 1922, começou uma revista chamada Studies in the Scriptures (Estudo nas Escrituras). Mas poucas pessoas se interessaram pela leitura da Revista. Ele publicou 1000 revistas e, muitas delas, não foram sequer vendidas. Ainda neste ano, fizeram-lhe um convite para visitar a Austrália. Ele viu neste convite uma grande oportunidade de pregar o Evangelho e terminou por estabelecer-se na cidade de Sidney, à convite das Igrejas Batistas locais. Porém não obteve sucesso em seu ministério como pregador.

Depois de 8 anos vivendo na Austrália, em 1928, Pink retornou à Inglaterra. Onde aconteceu uma surpreendente obra da Providência divina durante 8 anos ele procurou um lugar para pregar a Palavra e ajudar as pessoas, mas não conseguiu encontrar. Ninguém

estava interessado em ouvir suas pregações. A sua fé foi duramente provada durante este período e, apesar de toda a luta, ele continuava a editar a revista “Estudo nas Escrituras”, embora somente uns poucos a liam.

Em 1936, ele entendeu que Deus, de alguma forma, havia fechado as portas da pregação para ele. Então ele entregou-se totalmente a escrever e expor as Escrituras Sagradas. Esta era a sua chamada.

Quando começou a 2ª Guerra Mundial, A. W. Pink vivia no sul da Inglaterra, região que sofreu fortes ataques aéreos. Então, em 1940, ele e a sua esposa, Vera, mudaram-se para o norte da Escócia, em uma pequenina ilha chamada Luis. 12 anos depois, em 1952, A.W. Pink faleceu vítima de anemia. Ian Murray, seu biógrafo, relata que, além de sua esposa, apenas oito pessoas apareceram em seu enterro.

Com certeza, A. W. Pink (como assinava em suas cartas e artigos) nunca imaginaria que, no final do século 20 e ao longo do século 21, dificilmente seria necessário explicar quem é Pink quando nos dirigindo às pessoas que consideram a Bíblia como Palavra de Deus e se empenham em compreendê-la, entre outras coisas, utilizando bons livros. Vivendo quase em completo anonimato, salvo por aqueles poucos que assinavam sua revista publicada mensalmente, o valor de Arthur Pink foi descoberto pelo mundo apenas após sua morte, quando seus artigos passaram a ser reunidos e publicados na forma de livros. Ian Murray afirma que, mediante a ampla circulação de seus escritos após a sua morte, ele se tornou um dos autores evangélicos mais influentes na segunda metade do século 20. Foi D. Martyn Lloyd-Jones quem disse: “Não desperdice o seu tempo lendo Barth e Brunner. Você não receberá nada deles que o ajude na pregação. Leia Pink!”.

Richard Belcher tem escrito alguns livros sobre a vida e obra do nosso autor, disse o seguinte:

“Nós não o idolatramos. Mas o reconhecemos como um homem de Deus ímpar, que pode nos ensinar por meio da sua caneta. Ele verdadeiramente ‘nasceu para escrever’, e todas as circunstâncias de sua vida, mesmo as negativas que ele não entendeu, levaram-no ao cumprimento desse propósito ordenado por Deus”.

John Thornbury, autor de vários livros, inclusive uma excelente biografia sobre David Brainerd, disse o seguinte: “Sua influência abrange o mundo todo e hoje um exército poderoso de pregadores de várias denominações está usando seus materiais e pregando à congregações, grandes e pequenas, as verdades que ele extraiu da Palavra de Deus.

Eu o honro por sua coragem, discernimento, perspicuidade, equilíbrio, e acima de tudo por seu amor apaixonado pelo Deus trino”.

As últimas palavras de Pink antes de morrer, ao lado de sua esposa, foram: “As Escrituras explicam a si mesmas”. Que declaração final apropriada para um homem que dedicou sua vida ao entendimento e explicação da Palavra de Deus!

Esta biografia é baseada nas seguintes fontes:

◆ DIDINI, Ronaldo. Um gigante esquecido da fé cristã: Uma biografia resumida de A. W. Pink. Disponível em: <<https://www.ministeriocaminhar.com.br/?ver=74>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2013.

◆ SABINO, Felipe A. N. Os dez Mandamentos. 1ª edição. Brasília: Editora Monergismo: 2009. Prefácio.

Quem Somos

O Estandarte de Cristo é um projeto cujo objetivo é proclamar a Palavra de Deus e o Santo Evangelho de Cristo Jesus, para a glória do Deus da Escritura Sagrada, através de traduções inéditas de textos de autores bíblicos fiéis, para o português. A nossa proposta é publicar e divulgar traduções de escritos de autores como os Puritanos e também de autores posteriores àqueles como John Gill, Robert Murray McCheyne, Charles Haddon Spurgeon e Arthur Walkington Pink. Nossas traduções estão concentradas nos escritos dos Puritanos e destes últimos quatro autores.

O Estandarte é formado por pecadores salvos unicamente pela Graça do Santo e Soberano, Único e Verdadeiro Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, segundo o testemunho das Escrituras. Buscamos estudar e viver as Escrituras Sagradas em todas as áreas de suas vidas, holisticamente; para que assim, e só assim, possamos glorificar nosso Deus e nos deleitarmos nEle desde agora e para sempre.

Livros que Recomendamos:

- A Prática da Piedade, por Lewis Bayly – Editora PES
- Graça Abundante ao Principal dos Pecadores, por John Bunyan – Editora Fiel
- Um Guia Seguro Para o Céu, por Joseph Alleine – Editora PES
- O Peregrino, por John Bunyan – Editora Fiel
- O Livro dos Mártires, por John Foxe – Editora Mundo Cristão
- Os Atributos de Deus, por A. W. Pink – Editora PES
- Por Quem Cristo Morreu? Por John Owen (baixe gratuitamente no site FirelandMissions.com)

Indicações de Sites onde você poderá encontrar materiais edificantes e/ou baixar outros e-books bíblicos gratuitamente

- Trovian.blogspot.com.br – Estudos e Mensagens Cristãs
- JosemarBessa.com – Puro Conteúdo Reformado
- FirelandMissions.com
- MinisterioFiel.com.br
- ProjetoSpurgoen.com.br
- Monergismo.com
- VoltemosAoEvangelho.com

Indicações de E-books de publicações próprias.

Baixe estes e outros gratuitamente no site.

- 10 Sermões – Robert Murray M'Cheyne
- Cristo, Totalmente Desejável – John Flavel
- Eleição & Vocação – Robert Murray M'Cheyne
- A Gloriosa Predestinação – C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração – C. H. Spurgeon
- A Livre Graça – C. H. Spurgeon
- A Paixão de Cristo – Thomas Adams
- Quem São Os Eleitos? – C. H. Spurgeon
- Reforma – C. H. Spurgeon
- Salvação Pertence Ao Senhor – C. H. Spurgeon
- O Sangue – C. H. Spurgeon
- Semper Idem – Thomas Adams
- Tratado sobre a Oração, Um – John Bunyan

Viste as páginas que administramos no Facebook

- Facebook.com/oEstandarteDeCristo
- Facebook.com/ESJesusCristo
- Facebook.com/EvangelhoDaSalvacao
- Facebook.com/NaoConformistasPuritanos
- Facebook.com/oEstandarteDeCristo
- Facebook.com/ArthurWalkingtonPink
- Facebook.com/CharlesHadodnSpurgeon.org
- Facebook.com/PaulDavidWasher
- Facebook.com/RobertMurrayMCheyne
- Facebook.com/ThomasWatson.org

Páginas Parceiras:

- Facebook.com/SomentePelaGraca
- Facebook.com/AMensagemCristocentrica



2 Coríntios 4

¹ Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; ² Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. ³ Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. ⁴ Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. ⁵ Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. ⁶ Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. ⁷ Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. ⁸ Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. ⁹ Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; ¹⁰ Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; ¹¹ E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. ¹² De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. ¹³ E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. ¹⁴ Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. ¹⁵ Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. ¹⁶ Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. ¹⁷ Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; ¹⁸ Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.